

RESENHA

COUTO, Hildo H. (org.) PAPIA: Revista de Crioulos de Base Ibérica, Vol. 1 (1). Brasília: Thesaurus, 1990.

Resenhado por: Stella Maris BORTONI
(Universidade de Brasília)

Veio à luz uma revista dedicada aos crioulos de base ibérica - PAPIA - Que seja bem-vinda e tenha longa vida. Temos, pelo menos, dois bons motivos para considerar oportuna esta iniciativa: o desenvolvimento ainda incipiente da crioulística entre nós, e o pequeno volume de pesquisa sobre os crioulos de base ibérica, quando comparados aos crioulos de base inglesa, francesa e holandesa.

No Brasil, contam-se nos dedos da mão as pesquisas voltadas para línguas pidgins e crioulas. Na última década surgiram alguns bons trabalhos (Cunha, 1981; Vogt e Fry, 1982; Tarallo e Alkmin, 1987 inter alia sobre crioulos de base portuguesa e Castro (1983) sobre a influência de línguas africanas no português do Brasil), mas ainda não temos uma tradição de pesquisa firmada na área. Mathias Perl, no primeiro artigo da revista, *Acerca de la morfosintaxis del "habla bozal"* (p. 4-14), explica o pouco interesse pela descrição dos crioulos de base espanhola pelo fato de serem eles considerados, nos países de fala espanhola, como desvios da língua padrão e sua descrição não ter sido proposta como tarefa de investigação dos hispanistas. Hildo Couto, no artigo *Política e planejamento lingüístico na*

Guiné-Bissau (p.47-58) atribui o 'silenciamento' da lingüística metropolitana sobre o crioulo guineense a uma deliberada política (mal-sucedida, por sinal) de imposição da língua do colonizador. O crioulo era considerado português mal-falado e foi objeto de poucos estudos.

Seja por motivos ideológicos, seja pelo próprio distanciamento entre o Brasil e os países lusófonos onde se desenvolveram crioulos, o fato é que a lingüística nacional pouco tem-se ocupado desses fenômenos tão ricos para a compreensão tanto da natureza da linguagem humana como da relação entre repertório lingüístico e estrutura e processos sociais. No entanto, o estudo de crioulos de base portuguesa pode certamente contribuir para um melhor entendimento das regras de variação que caracterizam o português popular brasileiro. A tese da existência de um português pidginizado no Brasil colonial, cujas marcas se perpetuaram nos falares rurais e populares, proposta por Serafim da Silva Neto (1977 [1950]) e, mais recentemente, defendida por Guy (1981), ainda está por ser refutada ou confirmada com base em dados empíricos.

A revista PAPIA pretende abrir um espaço para a descrição, discussão e análise dos crioulos de base ibérica, bem como para questões sociológicas dessas comunidades de fala. Como observa seu organizador, "PAPIA" é mais um periódico de Etudes Créoles que um Journal of Pidgin and Creole Languages. Seus artigos são publicados em português e espanhol. As contribuições que não são originalmente redigidas em uma dessas duas línguas, são traduzidas para o português.

Esta política editorial visa a tornar acessível a leitura do periódico a qualquer usuário das línguas em questão, inclusive os falantes dos crioulos que são objeto dos estudos publicados.

A revista contém quatro seções: Artigos, Resenhas, Notas Curtas e Registros. Este primeiro número traz seis artigos, cinco resenhas, quatro mini-resenhas e registros diversos de interesse para a área.

O artigo de Mathias Perl (Karl Marx Universitat de Leipsig) já referido, volta-se para questões morfossintáticas da *habla bozal*, usada por afro-americanos em Cuba e no Caribe em geral. A base de dados constitui-se de textos recolhidos por folkloristas. O A. reconhece que o maior problema para a análise é a especificação dos substratos mas, valendo-se de análises comparativas, conclui pela inclusão da *habla bozal* no rol das línguas crioulas de base lexical espanhola.

O segundo artigo - A categoria número no crioulo caboverdiano - de Jurgen Lang (Erlangen) é especialmente interessante para o lingüista brasileiro, porque os fenômenos de concordância nominal analisados no crioulo da ilha de Santiago guardam muita semelhança com o fenômeno análogo do português do Brasil, muito bem estudado por Scherre (1988) entre outros. Assim como no texto anterior, o corpus utilizado é um registro escrito, no caso o romance Oju d'agu de Manuel Veiga.

Causa certa estranheza ter o A. desenvolvido a análise da categoria número da perspectiva de usuário e conhecedor de línguas européias, especialmente o alemão. A análise certamente se beneficiaria com um

tratamento mais imanente. Ele diz em uma passagem:

O crioulo de Santiago se diferencia das línguas por nós conhecidas, no que se refere à expressão de plural, pelo fato de esta expressão aparecer apenas uma vez no singular nominal e com efeito na primeira palavra do sintagma em que ela pode aparecer. Neste crioulo, portanto, o número não é como em nossas línguas uma categoria do nome, mas uma categoria do sintagma nominal. (p.18)

Mais à frente, referindo-se ao português, observa:

Para quem aprende português primeiro, as relações na terceira pessoa são desconcertantes. Com efeito, distingue-se em português, nesta e nas demais pessoas, entre a singularidade e pluralidade da "coisa possuída", como em a sua casa e as suas casas. Por outro lado, o português não distingue, neste caso, a pluralidade e a singularidade do "possuidor". [...] A inconseqüência se encontra, como se vê, do lado do português. O crioulo de Santiago é perfeitamente conseqüente neste sentido. (p.19)

Segundo o A., nesta língua se pode dizer: si kasa (a casa dele, dela); si kasas (as casas dele, dela); ses kasa (a casa deles, delas) e ses kasas (as casas deles, delas).

Em que pese, contudo, a natureza etnocêntrica dessas observações, o artigo traz uma detalhada descrição do fenômeno

analisado e uma contribuição para o aprofundamento de questões como a deriva de línguas românicas e a relevância dos argumentos funcionalistas na variação e mudança.

A proposta do artigo de Germán de Granda (Universidad de Valladolid) - *Retenciones africanas en la fonética del criollo portugués de Annobón* - é a pesquisa da existência de traços identificáveis como retenções africanas em línguas crioulas relacionadas com um processo histórico-genético derivável direta ou indiretamente da África sub-sahariana (p.26). O crioulo de Ano Bom é bastante isolado, caracterizando-se pelo contato escasso com outras línguas europeias ou africanas.

O A. examina diversos traços fonéticos da língua e conclui que pelo menos treze deles são derivados exclusivamente de condicionamentos lingüísticos africanos; outros três podem ser atribuídos a causas múltiplas, africanas e portuguesa.

Luiz Ivens Ferraz (Johannesburg), em *Uma avaliação lingüística do angolar*, discute o status desta língua, que é falada por cerca de sete mil pessoas na ilha de São Tomé, refutando a tese de que ela seria uma língua bântu relexificada. Dedicar parte de seu artigo à discussão das origens da comunidade de fala e, em seguida, faz uma análise contrastiva entre traços do são-tomense, do português e do angolar, com o objetivo de demonstrar que este último, apesar do alto conteúdo bântu de seu léxico, é um crioulo.

Os dois últimos artigos do primeiro número de *PAPIA* voltam-se para questões

sociolingüísticas. São eles Política e planejamento lingüístico na Guiné-Bissau, de Hildo Honório do Couto (Universidade de Brasília) e uma coletânea de três pequenos artigos de autoria do líder revolucionário guineense Amílcar Cabral, publicados no jornal Nô Pintcha, em fevereiro de 1976, e reunidos sob o título A questão da língua.

Couto traça um instrutivo panorama da situação sociolingüística da Guiné-Bissau, onde convivem 16 línguas aborígenes (entre as quais, o balanta, o fula, o mandinga e o manjaco) o crioulo e o português, este último, língua da escola e da burocracia estatal, falado por aproximadamente 500 pessoas, ou seja, por apenas .05% da população. O crioulo é uma língua franca usada por 44% da população rural e urbana, que, na sua maioria, é bi- ou plurilíngüe.

O A. examina o pouco de política e planejamento lingüístico que as adversas condições econômicas têm permitido ao governo guineense empreender, à luz de teorias sociolingüísticas desenvolvidas principalmente no leste europeu e se detém nas funções sociais do crioulo como língua de unidade nacional. Conclui, ao final, que "ou se estabelece que o crioulo é a língua nacional, inclusive do ensino, como sugeriu Paulo Freire, ou então, que ele é apenas uma ponte (oral) para se chegar ao português, como se faz desde a proposta de Cabral, embora tacitamente." (p.56)

Nos textos jornalísticos do Amílcar Cabral, surpreende-nos a profunda compreensão que o líder da guerra da independência, assassinado em 1973, demonstra sobre os problemas sociolingüísticos do seu país. Ele

começa por reconhecer que "a língua para escrever é o português". O crioulo só poderá cumprir esta função depois que for estudado bem e codificado. Ele diz, "O português (língua) é uma das melhores coisas que os tucas nos deixaram, porque a língua não é prova de mais nada, senão um instrumento para os homens se relacionarem uns com os outros..."(p.59). Esta é uma racionalização imposta a quem tem de conciliar a necessidade de adoção da língua do colonizador, por motivos pragmáticos, à repulsa à sua ação opressora e predatória.

Igual postura assumiram os países americanos que se tornaram independentes nos séculos 18 e 19. Um bom exemplo dessa ideologia encontra-se nas considerações de Cunha (1977:16 *passim*). Ao comentar a frase de Cassiano Ricardo em comunicação à Academia Brasileira de Letras: "O Brasil é uma nação livre, logo, deve ter uma língua própria", serve-se Cunha das palavras de Amado Alonso para deixar patente que é estéril o debate sobre quem são "os donos e senhores de uma língua".

Essa idéia de língua própria se deve a um equívoco. Os bens anotáveis no registro da propriedade são próprios de um quando não o são dos demais [...]. Mas a linguagem não é dessa espécie de bens; ao contrário, é daqueles que são maiores quanto mais comunicados.

Amílcar Cabral também percebia claramente, assim como o fizeram os lingüistas do Círculo de Praga, que um dos atributos de uma língua padrão é a intelectualização, i.e. "sua adaptação ao

objetivo de fazer proposições se possível precisas e rigorosas, e se necessário abstratas", a qual afeta principalmente o léxico e, em parte, a gramática (Havránek, apud Garvin & Mathiot, 1974:122) Ele dizia:

Mas o mundo avançou muito, nós não avançamos muito, tanto como o mundo e a nossa língua ficou ao nível daquele mundo a que chegamos, que nós vivemos, enquanto o tuga, embora colonialista, vivendo na Europa, a sua língua avançou bastante mais do que a nossa, podendo exprimir verdades concretas, relativas, por exemplo, à ciência. [...] como se diz aceleração da gravidade na nossa língua? Em crioulo não há, temos de dizer em português. (p.60)

E mais, Cabral identificava na explicitação das características lingüísticas do crioulo uma forma de facilitar o aprendizado do português: "Se nas nossas escolas ensinamos aos alunos como é que o crioulo vem do português e do africano qualquer pessoa saberá português muito mais depressa."(p.61). Se levarmos em conta, como faz Hymes (1977:15), que as semelhanças entre um crioulo e o superestrato com o qual este está relacionado não são semelhanças estruturais básicas, nem tampouco de classificação genética, mas se encontram primariamente no vocabulário, não poderemos negar que o conhecimento que um falante de crioulo guineense tem do léxico de sua língua poderá facilitar-lhe a aquisição do português como segunda língua.

Hymes, (op. cit., p.9) enumera quatro pontos que uma teoria de línguas

pidgins e crioulas deve contemplar: as tendências universais para a adaptação lingüística, seja pela simplificação, seja pela expansão; a ocorrência dessas duas tendências, em situações de contato, de modo a promover a confluência de tradições lingüísticas; as condições sociais e lingüísticas sob as quais as formas de fala que se adaptam tornam-se independentes das normas de quaisquer das tradições que as influenciaram e a história subsequente das línguas que assim se formam.

Em seu primeiro número, PAPIA contempla, pelo menos parcialmente, todas estas questões, em relação aos crioulos ibéricos, dedicando, inclusive, atenção a problemas de política de idioma e política educacional das respectivas comunidades de fala.

Fazemos votos de que a revista venha a firmar-se como uma revista internacional de estudos crioulos. Para tanto, os próximos números deveriam merecer uma melhor revisão tipográfica - principalmente nos textos em espanhol. Seria também aconselhável que se convencionasse usar símbolos fonéticos que possam ser impressos com os recursos disponíveis, evitando-se transcrições manuscritas.

Pedidos de assinatura ou de números avulsos de PAPIA poderão ser feitos à Editora Thesaurus, SIG Q 8, lote 2,356 - 70.610 Brasília, DF, fone:(061)225-3011; fax (061)2253626.

(recebido em 19/02/91)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Y.P. de (1983) 'Das línguas africanas ao português brasileiro'. *Afro-Asia*, 14:81-107.

CUNHA, C. (1977) *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

_____ (1981) *Língua, nação, alienação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

GARVIN, P. & MATHIOT, M. (1974) 'A urbanização da língua guarani - um problema em linguagem e cultura'. In: Fonseca, M. S. & M. Neves (orgs.) *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado.

GUY, G. (1981) *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Tese de doutorado. University of Pennsylvania.

HYMES, D. (1977) 'Preface'. In D.Hymes (org.) *Pidginization and Creolization of Languages*, Cambridge University Press.

SCHERRE, M.M.P. (1988) *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de doutorado. U.F.R.J.

SILVA NETO, S. (1977) *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença.

TARALLO, F. & ALKMIN, T. (1987) *Falares crioulos - Línguas em contato*. São Paulo: Editora Ática.

VOGT, C. & FRY, P. (1982) 'A "descoberta" do Cafundó: alianças e conflitos no cenário da cultura negra no Brasil'. *Religião e Sociedade*, 8.